DOI 105418/RA2018.1424.0004

Evocativos experienciais dos vínculos de lugar: ensaio acerca da geograficidade de ser-no-mundo

The experiential evocative of place attachments: essay about the geographicity of being-in-the-world

L'evocatives experientieles du attachement aux lieux: essai sur le geographicite d'etre-au-monde

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior
Mestre e doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: carlosroberto2094@gmail.com

Maria Geralda de Almeida
Mestra e doutora em Geografia pela Université de Bordeaux III. Pós-doutora em Geografia Humana pela Universidad de Barcelona. Professora titular da Universidade Federal de Goiás (UFG).
E-mail: mgdealmeida@gmail.com

Resumo

Na condição de espaços dotados de definição e significado, os lugares são expressões da geograficidade humana. Arquitetados por meio da inseparabilidade do sujeito e sua realidade geográfica, os vínculos de lugar abarcam a dinamogenia relacional de ser-no-mundo. Visa-se, logo, a desvelar como as teorias acerca dos vínculos e da corporeidade podem potencializar os estudos do conceito de lugar na geografia cultural e humanista contemporânea. Para tanto, buscou-se realizar um processo de imersão e interpretação bibliográfico concernente ao campo teórico da fenomenologia, particularmente na abordagem existencialista de Merleau-Ponty. Por meio deste fio condutor, compreende-se que o horizonte da realidade geográfica centrado no habitar a Terra indica as tramas de significação do ser. É decifrado que o devir sujeito-lugar está conectado ontologicamente à presentificação e corporificação dos vínculos de lugar em suas amplitudes existenciais. Esta trama experiencial de temporalidade nucleada no instante deve, portanto, ser entendida como um todo dinâmico em que os lugares e sujeitos se metamorfoseiam em reciprocidade contínua.

Palavras-chave: experiência geográfica, sujeito-lugar, habitar, intersubjetividade, corporeidade.

Abstract

As spaces with definition and sense, places are expressions of human geographicity. Made by the means of the inseparability of place and its geographical reality, place attachments enroll the relational dynamics of being-in-the-world. It is intended, thus, to unravel how the attachment's and corporeality's theories can potentialize the studies of place as a concept on contemporary cultural and humanistic geography. In order to do so, a process of immersion

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

and bibliographical interpretation concerning the theoretical field of phenomenology, particularly Merleau-Ponty's existentialist approach, was realized. By the means of this conductive knot, it is comprehended that the horizon of geographical reality, centered on Earth-dwelling, indicates the tangles of being's signification. It is unraveled that subject-place becoming is ontologically connected to the presentification and corporeality of place attachments in their existential amplitudes. This experiential web of temporality centered upon the instant must, thus, be comprehended as a dynamic whole in which places and subjects are metamorphosed in continuous reciprocity.

Keywords: geographical experience, subject-place, dwell, intersubjectivity, corporeality.

Resumé

Comme espaces de définition et de sens, les lieux sont des expressions de la geógraphicité humaine. Construits par le indissociabilité du sujet et de sa réalité géographique, les attachment aux lieux embrasse la dynamogénie relationnelle d'être-au-monde. Le but est, donc, découvrir comment les théories sur les attachements et la corporalité peuvent élargir las frontières du concept de lieu dans la géographie culturelle et humaniste contemporaine. Pour le faire, on a réalisé une immersion et interprétation bibliographique concernant le champ théorique de la phénoménologie, en particulier dans l'approche existentialiste chez Merleau-Ponty. A travers cette chemin, il est entendu que l'horizon de la réalité géographique centrée sur le chez-soi a la Terre indique les tissus de signification d'être. On décrypte que le sujet-lieu est lié ontologiquement à la présentification et a la corporalité des attachements aux lieux dans leus amplitudes existentielles. Cette sphère expérientielle de la temporalité nuclée à l'instant doit besoin être comprise comme un tout dynamique dans lequel les lieux et sujets se métamorphosent en une réprocité continue.

Mots-clé: expérience géographique, sujet-lieu, habiter, intersubjectivité, corporalité.

Introdução

Estudos recentes acerca do conceito de lugar indicam um renovado interesse nas possibilidades explicativas e analíticas abarcadas pela sua definição. Nos diferentes campos da geografia, as contribuições têm-se centrado nas maneiras pelas quais essa dimensão da espacialidade humana elucida nexos da experiência na escala do sujeito. As discussões centradas na perspectiva dos vínculos apresentam uma proposta de leitura da realidade geográfica em que os contextos relacionais emergem como trama explicativa.

Entremeio a esses caminhos conceituais, a abordagem anglo-saxã da geografia humanista e cultural indica, nos anos recentes, férteis arquiteturas teórico-metodológicas. As pesquisas centradas nas condições de existência dos lugares são dinamizadas pelas situacionalidades implícitas nas relações de gênero, etnicidade, diferença, emotividade e alteridade. Pelas contraposições que são evocadas pelos pesquisadores, é evidenciado um panorama amplo de leituras dessas espacialidades.

Conforme destaca Almeida (2013, p. 49), "os tempos promissores sinalizam para seguir os passos, sobretudo, pela contribuição fecunda dada pelos geógrafos anglo-saxônicos. A geografia cultural produzida por eles é rica em textos que se referem a metáforas, ou seja, ao lugar como *texto*, como *cena* ou como *espetáculo*". Nesse sentido, destacam-se as contribuições referentes à compreensão do lugar como nexo experiencial das geograficidades do mundo vivido. Como ressalta a referida autora, a perspectiva desses geógrafos transborda em possibilidades de diálogos com as concepções contemporâneas.

No campo conceitual das pesquisas realizadas pelos anglo-saxões, as análises acerca dos imaginários e das representações elaboram diálogos relevantes com as condições geográficas. É salutar a colocação de Adams, Hoelscher e Till (2001, p. xiv) de que "place, as a topic of investigation, highlights the weaving together of social relations and human-environment interactions".[1] Isto evidencia que a discussão de lugar centrada no localismo é transcendida em função da compreensão mais ampla das relações efetivadas na inseparabilidade existencial sociedade-natureza.

Por meio da convergência do entendimento do lugar com a temática da corporeidade, suscitam provocações acerca da dinâmica existencial manifestas nos estudos. No nexo conceitual abarcado, em transcendência aos extremos dicotômicos *topofilia* e *topofobia*, as discussões são centradas nos vínculos (*attachments*) de lugar. Este baluarte, como

[1] "Lugar, como tópico de investigação, destaca o entrecruzar conjunto das relações sociais e das interações humanos-meio" (ADAMS, HOELSCHER, TILL, 2001, p. xiv, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

observam Tuan (2012), Scannel e Gifford (2014) e Seamon (2014), implica em perspectivas que compreendem o papel da percepção e a correlacionam à realidade geográfica abarcada pela reciprocidade material-imaterial das espacialidades.

As apreensões são dinamizadas pela sumarização de sentidos em que as condições de devir do ser-no-mundo consubstanciam definições dos fenômenos espaciais. Na conexão ontológica da inexorabilidade do imaginário na existência dos lugares, as interpretações apresentam um panorama denso das conexões entre afetividade-corporeidade e dinâmicas sociais, políticas e ambientais. Este imbricamento provoca os geógrafos ao reposicionamento teórico-conceitual por meio das questões incitadas pelos espaços explorados.

Nesse percurso, a intenção deste ensaio é problematizar as maneiras pelas quais as proposições em torno dos vínculos e da corporeidade reconfiguram o conceito de lugar na geografia cultural e humanista. Recorre-se ao diálogo com a fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty (2011; 2014; 2015) como fio condutor da análise e princípio epistemológico de compreensão das possibilidades explicativas abrangidas pela discussão. Sua proposição é explicitar como emergem os vínculos de lugar e de que maneiras fluem suas dinâmicas existenciais.

Por meio da interlocução dos conceitos evidenciada pelas tramas de emergência de ser-no-mundo, a experiência é o itinerário inicial que gesta a discussão e encaminha a investigação. Na correlação da bibliografia concernente com o campo fenomenológico, a análise pautada na intencionalidade ativa do sujeito visa a contemplar virtualidades elucidativas para a dinâmica do conceito de lugar.

A inquietação posta é desvelada ao longo de três partes que articulam este artigo. Em "Caminhos e texturas entre os *mundos* do lugar", esboçam-se as formas em que mundo e lugar se interconectam pelas vias experienciais. Em "Vínculos de lugar no cosmo de ser-no-mundo", expõe-se a inerência existencial da relação entre ser e lugar. Por fim, "Limiares entre vínculos ativos e inativos" explicita a dinâmica temporal e afetiva referente aos vínculos de lugar. Desse modo, a composição teórico-conceitual deste artigo é tecida pelas necessidades de problematização da categoria de análise geográfica.

Caminhos e texturas entre os mundos do lugar

No âmbito em que, fenomenologicamente, mundo é condição e resultado de relações de intencionalidade consciente corporificada (MERLEAU-PONTY, 2011), ele abrange o nexo de princípio da conformação de espacialidades humanas. Nesse denso campo de

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Gestalt, o circuito corpo-perceptivo pautado na experiência é baluarte para a expressão do lugar. Como gênese primal em *topos*, a condição de emergência da situacionalidade pauta-se na configuração em que o ser se dimensiona.

Tomado o postulado merleau-pontiano de que "o mundo percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência" (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 32), considera-se que a consciência abarca o cosmo cognoscível de modo a significá-lo. Inseparável do mundo em que habita, o sujeito arquiteta, na experiência ativa da realidade geográfica, a definição que converge na gênese de espacialidades expressivas. É, como discorre Tuan (2013, p. 14), o processo em que "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e os dotamos de valor". Direcionada pela lógica de vir a ser concretizada pelo horizonte experiencial, a relação que transcorre no âmbito das sensações indica a projetividade do humano no ambiente. Como aponta Tuan (1995), há uma urgência no clamor que é evocado pelo mundo ao sujeito no sentido em que o seu interpelar gera a semente dessa *geografia* existencial.

Na interconectividade corpo-experiencial, o sensório realça as dimensões do espaço apropriadas para os fins humanos. Casey (1998, p. 78) ressalta que "the cosmos is sensed in concrete landscapes as lived, remembered, or painted: it is the immanent scene of finite place as felt by an equally finite body".[2] Esta finitude fundante vivida espacialmente centraliza a dinâmica de lugar por meio do nexo da situação.

Como fundo primeiro, o mundo percebido é o núcleo relacional desse cosmo experiencial. É salutar a contribuição de Dardel (2011, p. 1-2) de que "uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*geógraficité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino". Esta Terra, como base corporificada da experiência humana, diz respeito à maneira como certa *geografia originária* é aberta pela relação irradiativa de habitar o mundo.

Relph (1985, p. 27), pautado na fundamentação da geografia fenomenológica de Dardel, afirma que "geographical experience begins in places and reaches out across spaces to landscapes and the regions of existence".[3] Há, na confluência dos geógrafos Dardel (2011) e Relph (1976; 1985), a constatação de que, centralizada no corpo vivido, a concretude dimensional do devir espacial está intimamente conectada à interescalaridade da relação de Ser na Terra, na consequente indissociabilidade da sociedade com o meio.

[2] "O cosmo é sentido em paisagens concretas como vivo, lembrado ou pintado: é a cena imanente de um lugar finito vivido por um corpo igualmente finito" (CASEY, 1998, p. 78, tradução livre).

[3] "Experiência geográfica começa nos lugares e se expande dos espaços para as paisagens e regiões da existência" (RELPH, 1985, p. 27).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Fenomenologicamente, isso reverbera no postulado de unicidade experiencial do mundo-sujeito. Se, como torna explícito Bartoloni (2015, p. 146), "the world is, of course, culture, time, space, location, imagination, and symbols, that is, a complex network of meanings that have a direct as well as indirect connection to the subject",[4] é nesse campo cósmico que une o *evocativo* ao *evocado* que os lugares têm gênese. Da mesma forma que entre *percipere* e *percipi* não há anterioridade (MERLEAU-PONTY, 2011; 2014), aquilo que é representado/projetado sobre o espaço que evoca as representações e projeções não pode ser divergido em uma lógica cartesiana de compreensão.

Mundo e realidade geográfica convergem na possibilidade relativa intricada de explicação da geograficidade dos fenômenos de lugar. Richardson (2015, p. 48) coopera com esta noção ao discorrer que, primordialmente, "the philosophical aspect of human spatiality, then, asks us to come to grips with the awesome reality of our 'place in the world', understood in the broadest and most abstract sense of that term".[5] Pela consciência que significa o cosmo, a experiência geográfica indica uma relação intencional com a Terra em que emergem nexos intersubjetivos que expressam a espacialidade.

Na medida em que, como ressalta Merleau-Ponty (2011, p. 576), "o sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece 'subjetivo', já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito", as tramas do habitar se (re)fazem no sentido da inseparabilidade entre sujeito e mundo. Tal *cogito* encarnado, em superação a uma noção idealista, é condição anunciada conjuntamente ao objeto intencional sobre o qual a consciência opera (MERLEAU-PONTY, 2011; 2015). Isto ocorre em decorrência da perspectiva de que a coisa e o mundo sempre operam no nexo do sujeito que os tornam vividos.

Pela circunstância de ser-no-mundo, são ressaltadas a introjeção do sujeito *no* mundo e a condicionalidade do sujeito *ao* mundo por meio de reciprocidade ativa. Por meio do cosmo experiencial, o meio é habitado simultaneamente à proporção em que habita o ser. Relph (1985, p. 17) contribui ao discorrer que "being-in-the-world is the basic state of human existence, and it indicates the fact that everything which exists has an environment".[6] A consciência, que sempre se encontra operando no mundo, argumentada por Merleau-Ponty (2011), necessariamente tem fundamento no corpo-sujeito que é origem e desdobramento do espaço vivido.

[4] "O mundo é, claramente, cultura, tempo, espaço, localização, imaginação e símbolos, isto é, uma complexa rede de sentidos que tem conexão direta ou indireta ao sujeito" (BARTOLONI, 2015, p. 146, tradução livre).

[5] "O aspecto filosófico da espacialidade humana, então, nos invoca a encontrarmos nossos termos com a fantástica realidade de nosso 'lugar no mundo', a compreender este termo em seu mais amplo e abstrato sentido" (RICHARDSON, 2015, p. 48, tradução livre).

[6] "Ser-no-mundo é o estado básico da existência humana, e indica o fato de que tudo que existe tem um ambiente" (RELPH, 1985, p. 17, tradução livre).

Substanciado pela dimensão efetiva desse contato concernente à experiência, o lugar é uma unicidade (inter)subjetiva que perpassa pela constituição do mundo. Articulando-se o sentido dardeliano de que ser e habitar implicam no conjunto de relações e trocas que confluem no efetivo lugar de sua existência (DARDEL, 2011), sumariza-se que a geograficidade do sujeito é composta de sua situação. Tal posição permite definir, como escrevem Larsen e Johnson (2012, p. 633), que "place is how the world presents itself; that is to say, being inevitably requires a place, a situation, for its disclosure".[7] Como estes geógrafos indicam, o lugar transcende a condição de *ponte* da experiência no sentido em que também a sedimenta.

Marandola Jr. (2014) salienta que o lugar é base fundamental para a conformação do núcleo experiencial dos sujeitos. Entremeado à *Gestalt* definidora de texturas da realidade, o ser-no-mundo ontologicamente dimensiona as formas de exteriorização e interiorização que se realizam no lugar.

Hufford (1992, p. 232) problematiza que "places do not exist apart from human experience and understandings; they are always places-for".[8] A inseparabilidade da consciência intencional que se projeta *no/e do* mundo implica na potência relacional do centro atitudinal indicado pelo lugar. É por meio daquilo que se abre para além do olhar que o cosmo significante se humaniza como maneira de tomar substância.

Em transcendência à abstração, é a experiência que ilustra a cartografia existencial da realidade geográfica em que os lugares são nodos referenciais. Converge a ponderação de que, como Tuan (2013, p. 167) direciona, "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado". É *nessa* Terra que clama aos sentidos, como aponta Dardel (2011), que os nexos intencionais corporificam a presença humana de consciência.

O espaço, ainda que teoricamente um *em-si* por excelência (MERLEAU-PONTY, 2014), é resultante da intersubjetividade inerente à geograficidade e à historicidade. Isto significa que, ao mesmo tempo em que se *experiencia* a espacialidade, esta também *experiencia* o sujeito. Ainda que não seja um *para-si*, transcende à condição de coisa pelo fato de que é também um *ser* (*em-si*), um ente em si mesmo. Por esta lógica, o lugar emerge na tessitura relacional de dinamogenia corporal que reage e recria os sentidos postos a esta entidade também ativa.

[7] "Lugar é como o mundo se apresenta; isto significa dizer que ser inevitavelmente requer um lugar, uma situação, para sua difusão" (LARSEN, JOHNSON, 2012, p. 633, tradução livre).

[8] "Lugares não existem fora das experiências e compreensões humanas; eles são sempre lugares-para" (HUFFORD, 1992, p. 232, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

A reversibilidade que é posta no seio da própria conceituação de lugar indica a vinculação persistente da situação ao ser que está nela implicada. Parte constitutiva da inerência de ser-no-mundo, indica que há conexão entre aquilo que habita e aquele que é habitado pelo processo perceptivo que torna a espacialidade em campo vivido. O sentido de lugar, portanto, está em um processo contínuo no campo de indissociabilidade existencial entre significado-significante.

Conforme Hummon (1992, p. 262) destaca, "sense of place is inevitably dual in nature, involving both an interpretive perspective on the environment and an emotional reaction to the environment".[9] Ele envolve, desse modo, certa orientação pessoal direcional ao núcleo situacional da realidade geográfica. Sentimentos e nexos perceptivos são somados no contexto da emergência fenomênica dos sentidos de lugar.

Pautado no mundo que conforma o horizonte experiencial, o sujeito agrega as maneiras como o lugar se substancia no cosmo. Como Relph (1976, p. 141) afirma, "places are not abstractions or concepts, but are directly experienced phenomena of the lived-world and hence are full with meanings with real objects, and with ongoing activities".[10] Como fusões de ordem natural e humana, os lugares se referem à experiência imediata de mundo em que os seres humanos estão inseridos. É no âmago desta dimensão que a reciprocidade do vivido converge na corporificação de habitar a Terra, dessa condição irreversível de *ser* no espaço.

Nessa reversibilidade, elementos sociais, ambientais, emocionais, políticos e culturais se interconectam de modo a tecer significados para as maneiras de vir a ser dos lugares na condição de espacialidades existenciais. Isto implica, como salienta Casey (2001, p. 405), que o lugar principia na "immediate ambiance of my lived body and its history, including the whole sedimented history of cultural and social influences and personal interests that compose my life-history".[11] A intersubjetividade concernente a esta composição ressalta a amplitude experiencial que é sumarizada no baluarte relacional do lugar.

Simultaneamente, é pela presença corporificada que a trama de sentidos adensa direcionalmente o mundo. Carr (2004, p. 3) aponta que, fenomenologicamente, "lived space is rooted in, and cannot be understood apart from, the lived body".[12] Como ressalta este filósofo,

[9] "Sentido de lugar é inevitavelmente dual em sua natureza, envolvendo tanto uma perspectiva interpretativa acerca do ambiente quanto uma reação emocional ao ambiente" (HUMMON, 1992, p. 262, tradução livre).

[10] "Lugares não são abstrações ou conceitos, mas fenômenos do mundo vivido diretamente experienciados e, portanto, repletos de significados com objetos reais e com atividades em andamento" (RELPH, 1976, p. 141, tradução livre).

[11] "É o ambiente imediato do meu corpo e de sua história, incluindo toda a história sedimentada de influências sociais e culturais e de interesses pessoais, que compõem minha história de vida" (CASEY, 2001, p. 405, tradução livre).

[12] "Espaço vivido é enraizado em, e não pode ser entendido fora do, corpo vivido" (CARR, 2004, p. 3, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

a relação espaço-corpo vividos orienta a maneira como um fundamenta a substancialização do outro. A topologia existencial anunciada pela corporeidade torna explícito que o lugar não pode ser entendido fora da condição de fenômeno do ser-no-mundo.

Merleau-Ponty (2011, p. 122) fundamenta essa postura ao discorrer que "o corpo é o veículo do ser-no-mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles". Há, no habitar, portanto, uma inseparabilidade entre o corpo-situação e a dinâmica de vir a ser da realidade geográfica. Nesta dimensão natural-cultural, o ser se confunde com o cosmo em que projeta – e é projetada – a sua existência.

Tal nexo se correlaciona diretamente ao circuito ativo da percepção em que a experiência de mundo toma sentido. Para Merleau-Ponty, como explica Morris (2004, p. 158), "our *sens* of space refers to body-world movement, to a moving schema of perception".[13] Tal devir situa a experiência por meio da possibilidade relacional em que o *mover* implica a temporalidade presente no sentido de espaço. É por meio da unicidade indicada que o sujeito transborda a pura concretude material e evoca dinâmicas da intencionalidade como núcleo da significação das espacialidades.

Associada às sensações e percepções, a relação mundo-lugar sugere que há um campo dimensional composto das virtualidades expostas pelas vias corpo-experienciais. Depraz (2004, p. 193) é elucidativo ao discorrer que "my lived body is all the more embodied that it is bodily self-aware and is also originarily open to the world. In other words, my lived body is a unity both of my physical body and my mind and of oneself and the world".[14] O corpo vivido, inseparável de sua geograficidade, direciona a consciência nas conformações que significam as experiências de mundo.

Fenomenologicamente, essa unicidade corporificada compreende que, como explica Holzer (2014, p. 290), o mundo vivido "se estabelece a partir do corpo humano, o corpo-de-um-sujeito, o corpo que é o próprio sujeito-como-*cogito*". É somente *neste* cosmo explorado e advindo do *cogito* primal do ser *para-si* e *em-si* que o horizonte experiencial consubstancia o lugar. Tal concepção estabelece o campo de *Gestalt* do mundo onde o sujeito transcende a abstração espacial rumo à sinergia de virtualidade do espaço concreto subsumido no lugar.

[13] "Nosso sentido de espaço se refere ao movimento corpo-mundo, a um esquema móvel de percepção" (MORRIS, 2004, p. 158, tradução livre).

[14] "Meu corpo vivido está mais corporificado quanto mais ele é corporalmente auto-compreendido e também é originalmente aberto ao mundo. Em outras palavras, meu corpo vivido é uma união tanto do meu corpo físico quando de minha mente e de meu eu-individual e no mundo" (DEPRAZ, 2004, p. 193).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Como Tuan (2005, p. 140) aponta, "o corpo é nosso cosmos mais íntimo, um sistema cuja harmonia é sentida em vez de percebida simplesmente pela mente". É por meio e como desdobramento do corpo que o lugar comporta a dimensão perceptiva/sensorial e ambiental estabelecida pela intencionalidade consciente do sujeito. Como fenômeno que deriva da experiência imediata do mundo, o *topos* concernente ao corpo é um forte componente organizador da forma como os seres humanos vivenciam os espaços onde estão.

Contudo, como Casey (1998, p. 48) destaca, os gregos já consideravam que "just as there is no place without depth, so there is no place that does not connect the disparities of being and experience, of perception and language, of chaos and cosmos".[15] Ainda que o lugar indique certa centralidade de sentido vinculado à definição espacial centrada na organização da *chora* em elemento cognoscível e apropriado, há algo desta alteridade fundante que permanece. Na ambivalência inerente à emergência do ser, é impossível ignorar que a realidade geográfica está inserida no amplo espectro existencial da vida humana.

Vínculos de lugar no cosmo de ser-no-mundo

Suscitado pela lógica experiencial, o lugar compõe parte da trama de sentimentos e sentidos humanos que emergem no nexo espacial. Ele é, como aponta Karjalainen (2012), onde a vida faz sentido. Em acordo com Casey (1998), observa-se que, mesmo que seja compreendido como espacialidade dotada de definição, esse elemento não implica na exclusão de aspectos entrópicos. Fenomenologicamente compreendido, o lugar abarca a realidade geográfica na dimensão do cosmo de habitar.

Composta da ambivalência referente ao devir de *ser*, a ampla gama relacional da forma como sujeitos se situam e agem no mundo é expressa no nexo do lugar. Se, "em termos fenomenológicos, lugares são as partes da realidade espacial que foram reclamadas pelas intenções humanas" (KARJALAINEN, 2012, p. 7), há um importante aspecto referente à intencionalidade que deve ser considerado. Toda consciência é *de algo* ou *de alguma coisa*, afirma Merleau-Ponty (2011), de modo que ter consciência *do lugar* reverbera na corporificação intencional da geograficidade.

Como seres que são consciências encarnadas, os sujeitos inerentemente constituem atos intencionais que transbordam no mundo de modo a significar os espaços por meio da experiência. Corporalmente, as tramas do mover-se direcionam caminhos que, existencialmente, reverberam aspectos do ser-no-mundo (MORRIS, 2004). Porém, para

[15] "Assim como não há lugar sem profundidade, não existe lugar que não conecte as disparidades do ser e da experiência, da percepção e da linguagem, do caos e do cosmo" (CASEY, 1998, p. 48, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

que a experiência faça sentido, existe a necessidade de algo que a vincule no horizonte de mundo.

A *Gestalt* indica que, para que haja o sujeito, é necessário que haja um campo em que seu acontecer intencional possa ser projetado. Como Larsen e Johnson (2012, p. 641) discorrem, "cognition, existence, and, indeed, all things present first depend on place as the situated but universal happening, or disclosure, required for the world-natural and human-to appear".[16] É pela existência do lugar que o corpo-consciência pode transitar, mover-se e, intencionalmente, significar o mundo. É nele que a situação geográfica cria uma espécie de lastro experiencial.

Simultaneamente, os sentidos e a cognição organizam o horizonte de *chora* em uma espécie de *tópos ordenado*. Este processo recíproco em que os mundos são gestados intersubjetivamente compõe a trama em que os lugares são situados pelo nexo de geograficidade a eles inerente. Reverbera-se, como Tuan (1995, p. 35), que "the senses, under the aegis and direction of the mind, give us a world".[17] Os sentidos, logo, são a mediação e o direcionamento primordial da relação sujeito-mundo que emerge no contexto do lugar.

Essa profundidade de onde emerge a *Gestalt* que se refere à textura do lugar (ADAMS, HOESCHER, TILL, 2001) conflui pela dinâmica corporal do sensível. Pela consciência projetiva que se vincula ao espaço, a realidade geográfica perpassa pelos mundos em comum entre os sentidos. Ainda que cada sujeito efetivamente constitua seu mundo vivido em referência à sua situação, há um cosmo intersubjetivamente convergente que permite que haja convivência no âmbito coletivo.

Merleau-Ponty (2014, p. 22) ressalta que "nós vemos verdadeiramente a coisa mesma e a mesma coisa – e, ao mesmo tempo, não alcanço nunca a vivência de outrem. É no mundo que nos reunimos". Esta organização espontânea, no sentido merleau-pontiano de *Gestalt*, plasma pelo campo sensorial em que os elementos articulados substanciam um *todo* extenso onde as fissuras se interpenetram. Os componentes se justapõem, sobrepõem e são somados pelo sistema ativo da percepção de modo a compor manifestações experienciais que transcendem o horizonte subjetivo.

[16] "Cognição, existência e, verdadeiramente, todas as coisas presentes; primeiramente, dependem do lugar como um acontecimento situado, porém universal, ou revelação requerida pelo mundo – natural e humano – para se manifestar. Lugar faz mais que abrir caminho; ele embasa" (LARSEN, JOHNSON, 2012, p. 641, tradução livre).

[17] "Os sentidos, sob a égide e direção da mente, nos dão um mundo" (TUAN, 1995, p. 35, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Compreende-se que esses *todos* intersubjetivos que emergem no cosmo da textura de lugar comportam o dinamismo em que os mundos se reúnem em torno das coisas. Se, como sumariza Lau (2004, p. 157, grifo nosso), "for Merleau-Ponty, intersubjectivity means the inherence of any individual subject to the generality *of a* world",[18] há um horizonte referencial da realidade geográfica que orienta a composição existencial do lugar. Inexoravelmente, a generalidade compõe-se como parte daquilo que se aglutina ao mundo pessoal do sujeito.

Os lugares estão situados nessa trama comum porquanto toda experiência é intersubjetiva. Mesmo que o corpo vivido se relacione espacialmente com o mundo projetivo da percepção, aquilo que é amalgamado entre o *eu* e o *outro* colabora na definição expressiva do lugar na condição de fenômeno intencional humano. Relph (1976, p. 37) problematiza: "What is important is the sense that *this* place is uniquely and privately your own because your experience of it is distinctively personal".[19] É na comparação ou na referência à experiência de *outrem* que um lugar se distingue e pode ser dotado de significação.

Centradas nas situações de emergência do ser-no-mundo, as vinculações principiam na corporeidade e ganham profundidade conforme a experiência adensa a definição (inter) subjetiva do lugar. Desvelam o horizonte em que as espacialidades se compõem da trama em que mundo(s) e sujeito(s) são reunidos. Conforme explicita Merleau-Ponty (2011, p. 576), fenomenologicamente, "o mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta". A inexorabilidade mundo-sujeito, como elemento projetivo da realidade, é parte do cosmo ativo em que o lugar é arquitetado.

Como Brown e Perkins (1992, p. 282) afirmam, "places are experienced as an extension of the self".[20] Esta subjetividade latente que tange a interconectividade de corpos-consciências no âmbito da situação explicita que toda definição de um lugar no espaço é também uma autoafirmação do mundo *de um* sujeito. Extensões de ser, os lugares compõem a dimensão primordial do habitar humano. Há, destarte, reversibilidade entre os entes implicados nesta relação.

Na perspectiva de Merleau-Ponty (2014, p. 121), "o mundo e eu somos um no outro, e do *percipere* ao *percipi* não há anterioridade, mas simultaneidade ou mesmo atraso". O

[18] "Para Merleau-Ponty, intersubjetividade significa a inerência de qualquer sujeito individual à generalidade de um mundo" (LAU, 2004, p. 157, grifo nosso, tradução livre).

[19] "O que é importante é o senso de que esse lugar é unicamente e privativamente nosso próprio, porque sua experiência dele é distintamente pessoal" (RELPH, 1976, p. 37, tradução livre).

[20] "Lugares são experienciados como uma extensão do eu" (BROWN, PERKINS, 1992, p. 282, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

corpo-consciência atua de modo a, progressivamente, se incorporar no mundo por meio dos lugares. Como explica esse filósofo, a conectividade reversível em ser-no-mundo sublima no contexto em que o circuito ativo da percepção expande o horizonte da realidade geográfica.

Por meio da experiência, mundo e sujeito se transmutam reciprocamente. Entre os vínculos efetivados na vida cotidiana, as práticas corriqueiras plasmam rotinas corpo-espaciais (SEAMON, 1979) que centralizam a espacialidade do ser-no-mundo. A mundanidade está imbricada no movimento de transcendência do corpo sensível. Seamon, em confluência ao ponderamento merleau-pontiano, sintetiza que

> *We are the world – we are subsumed in the world like a fish is joined with water. For most moments of daily living, we do not experience the world as an object – as a thing and stuff separate from us. Rather, we interpenetrate that world, are fused with it through an invisible, web-like presence woven of the threads of body and feelings (SEAMON, 1979, p. 161).*[21]

Essa interpenetração excede uma suposta passividade do sujeito ou do mundo. Se, como propõe Schrader (1973, p. 337),"man is an active being who asserts his existence throughout the space he inhabits",[22] é fundamental considerar o ímpeto projetivo que é composto nesta (re)afirmação sobre o espaço. Mais que persistir na situação de angústia, coletiva e individualmente, os sujeitos estão inseridos na dinâmica de geograficidade (DARDEL, 2011) por meio da qual exercem seu ser.

Casey (2001, p. 406) provoca: "There is *no place without self; and no self without place*".[23] É pelo fenômeno de lugar que o *eu* adquire sentido no mundo. Ao mesmo tempo, o mundo só é dotado de significado porque há um ser *para-si* que pensa, atua e exerce sua existência na espacialidade abrangida pelo habitar. Ao explorar a realidade geográfica, o humano é afetado por ela simultaneamente ao acontecer que clama pelos seus sentidos e mutaciona seu ser.

Convergente a Casey (2001), Seamon (2014, p. 11) ressalta: "Phenomenologically, place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place".[24]

[21] "Nós somos o mundo – nós somos imersos no mundo como o peixe está junto d'água. Na maioria dos momentos da vida diária, nós não experienciamos o mundo como um objeto – uma coisa ou objeto separada de nós. De fato, nós interpenetramos aquele mundo, estamos fundidos com ele por meio de uma invisível presença similar a uma teia tecida pelos fios do corpo e dos sentimentos" (SEAMON, 1979, p. 161, tradução livre).

[22] "O homem é um ser ativo que afirma sua existência por meio do espaço que habita" (SCHRADER, 1973, p. 337, tradução livre).

[23] "Não existe lugar sem 'eu'; e não há 'eu' sem lugar" (CASEY, 2001, p. 406, tradução livre).

[24] "Fenomenologicamente, lugar não é o ambiente físico separado das pessoas associadas a ele, mas, em verdade, o indivisível, normalmente não percebido fenômeno de pessoa-ou-pessoas-experienciando-lugar" (SEAMON, 2014, p. 11, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

O consenso de que sujeito e lugar estão em ordem fenomênica de inseparabilidade implica na compreensão de sua reversibilidade ontológica.

No núcleo experiencial conformado, as relações fundamentam vínculos que ressaltam determinadas situações de vida. Momentos marcantes, lembranças e emoções se misturam à realidade geográfica, de modo a darem origem a importantes vínculos de lugar. Se, como afirma Marandola Jr. (2010, p. 342), "é no próprio ser que as pessoas carregam seus lugares e suas memórias, compondo a rede intertextual", os vínculos podem ser entendidos como parte deste acontecer.

Ao se vincularem, os sujeitos incorporam os elementos espaciais como parte de quem são. Isto reverbera na maneira pela qual os lugares transcendem meros cenários ou ambientes por onde a vida acontece. Como Seamon (1979, p. 75-76) define, "attachment is sometimes described in terms of *attraction*: the place seems to draw the use to it".[25] Os lugares evocam aconteceres significantes em que vínculos são constituídos. Há algo que atrai a imaginação humana entre os corredores, caminhos e tramas dos espaços em que a experiência é lastreada. Por esta razão, é relevante a consideração de que "place attachment is part of a broader lived synergy in which the various human and environmental dimensions of place reciprocally impel and sustain each other" (SEAMON, 2014, p. 12).[26] A multidimensionalidade direcional deste processo sinérgico concerne à forma em que a *Gestalt* está implicada nas condições de corporificação do ser-no-mundo. A expansão do horizonte do(s) mundo(s) se afirma na apropriação constituída pelos vínculos.

Entremeio à reciprocidade em evidência fenomênica, o espaço embasa e provoca a vinculação humana (DARDEL, 2011). O sujeito, como agente em *poiésis*, transforma-se e metamorfoseia esses vínculos, de modo a orientá-los em função da existência. O lugar, "longe de ser estático, ele é dinâmico, pois corresponde à própria essência do ser, que é igualmente viva" (MARANDOLA JR., 2014, p. 230). Como condição ontológica, os vínculos de lugar expressam essa relação de indissociabilidade da experiência geográfica.

Segundo Rubinstein e Parmelee (1992, p. 139), "attachment to place is a set of feelings about a geographic location that emotionally binds a person to that place as a function of its role as a setting for experience".[27] São estes elos sensitivos que efetivam o nexo da dinâmica

[25] "Vínculos são esporadicamente descritos em termos de atração: o lugar parece clamar por seu uso" (SEAMON, 1979, p. 75-76, tradução livre).

[26] "Vínculo de lugar faz parte de uma mais ampla sinergia vivida em que várias dimensões humanas e ambientais do lugar reciprocamente impelem e sustentam uma a outra" (SEAMON, 2014, p. 12, tradução livre).

[27] "Vinculação ao lugar é um conjunto de sentimentos sobre a localização geográfica que emocionalmente conecta uma pessoa àquele lugar como uma função de seu papel como situação para experiência" (RUBINSTEIN,PARMELEE, 1995, p. 139, tradução livre).

de lugar. Vividos na geograficidade intensa do ser, os vínculos de lugar constituem laços com dimensões emocionais, sociais e ambientais.

As experiências, em sua amplitude e ambivalência, se enraízam em vínculos de lugar. Contudo, é importante salientar que vão para além do campo do agradável. Violência, raiva ou outras formas de situações negativas também são aconteceres que sintetizam vínculos. Como Scannel e Gifford (2014, p. 26) explicam, "neither interpersonal or place attachment bonds always have a positive valence".[28] Lugares podem ser definidos pelos seus elementos que repelem, criam desconforto ou causam medo, como aponta Tuan (2005), dado que o caos é também um componente definidor da realidade geográfica (CASEY, 2001).

Seamon (1979, p. 76) colabora com essa constatação ao escrever que "attachment to place relates not only to positive emotions; it is also associated with a constellation of negative emotions, including anxiety and annoyance".[29] Se os lugares são espaços dotados de definição e significado (TUAN, 1995; 2013), todo o espectro das emoções humanas deve ser considerado ao se pensar nas relações que vinculam os sujeitos. De fato, Casey (1998) destaca que a existência é composta de diversas ambivalências, de forma que, para um determinado sujeito, o mesmo lugar pode ter aspectos positivos *e* negativos que fazem parte do mesmo processo vinculativo.

A reunião introjetada pela generalidade de *um certo mundo* (MERLEAU-PONTY, 2011; 2014) sumariza que a intersubjetividade inerente à existência compõe o quadro vinculativo potencial. Decorre disto que "attachment for place arises out of being in and living in a place" (SEAMON, 1979, p. 142),[30] de maneira que o devir deste processo depende do equilíbrio sutil entre *chora* e *topos* que está no centro do fenômeno sujeito-lugar (CASEY, 1998).

Low e Altman (1992, p. 6) destacam que "the term *place attachment* implies that the primary target of affective bonding of people is to environmental settings themselves".[31] Os vínculos são projetivos e relacionais na medida em que irradiam dos lugares rumo aos sujeitos e em reverso. Pautadas na corporeidade, as vinculações são efetivadas como resultados da experiência ativa e geracional em mundos vividos.

[28] "Elos interpessoais ou de vínculos de lugar nem sempre possuem valência positiva" (SCANNEL, GIFFORD, 2014, p. 26, tradução livre).

[29] "Vínculo com lugar relaciona-se não somente com emoções positivas; ele também se associa com uma constelação de emoções negativas, incluindo angústia e mágoa" (SEAMON, 1979, p. 76, tradução livre).

[30] "Vínculo de lugar surge por meio de ser e viver em um lugar" (SEAMON, 1979, p. 142, tradução livre).

[31] "O termo vínculo de lugar implica que o alvo primário da formação de elos afetivos das pessoas é para as próprias situações ambientais" (LOW, ALTMAN, 1992, p. 6, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Entre rotinas corpo-espaciais, as entranhas dos cosmos de que a vida emerge são expressas nos significados de cada vínculo na rede intertextual da geografia de cada sujeito. Risbeth (2014, p. 108) salienta que "place attachment develops as an embodiment of choices of participation and individual movements, interweaving a personal sense of identity with that of belonging and attachment to a specific neighborhood or city".[32] Na intersubjetividade inerente a esta relação coletiva, as vinculações podem ter significados que se sobrepõem ou justapõem.

Mihaylov e Perkins (2014, p. 71) destacam que "place attachments are usually taken for granted. Yet they are powerful motivators for action to preserve and improve our communities for ourselves, our neighbors, and future generations".[33] A consideração destes autores colabora para a noção de que os vínculos, na condição de componentes ontologicamente enraizantes, favorecem a potencialidade do estabelecimento de mundos em comum. Estes, por sua vez, podem ser importantes contextos de ação para grupos ou sujeitos sociais em situações de risco.

Essa situação pode decorrer tanto de lugares onde os vínculos são predominantemente negativos, em que as proposições podem ser para mudar a situação, quanto naqueles em que a situação é afetivamente positiva. Nestes últimos, as vinculações potencializam a movimentação da coletividade para a preservação do lastro espacial de suas definições. Corporalmente experienciados na inseparabilidade sujeito-lugar, os vínculos são relevantes porque fazem parte de quem são.

Como Brown e Perkins (1992, p. 280) explicam, "*place attachments are integral to self-definitions, including individual and communal aspects of identity; disruptions threaten self-definitions*".[34] Ainda que toda relação indivíduo-grupo seja marcada pela tensão implicada nas divergências entre os mundos (MERLEAU-PONTY, 2011), há um *todo* negociado que permeia a dimensão coletiva do lugar. Contudo, é salutar que o rompimento dos vínculos pode implicar, para uma comunidade ou sujeito, na ameaça a seu poder perpétuo de gestar mundos.

[32] "Vínculo de lugar se desenvolve como uma corporificação de escolhas de participação e movimentos individuais, entrelaçando um sentido pessoal de identidade com o de pertencimento e vínculo a um bairro ou cidade específicos" (RISBETH, 2014, p. 108, tradução livre).

[33] "Vínculos de lugar são normalmente dados como garantidos. Mas são motivadores poderosos de ações para preservar e melhorar nossas comunidades para nós, nossos vizinhos e gerações futuras" (MIHAYLOV, PERKINS, 2014, p. 71, tradução livre).

[34] "Vínculos de lugar são integrais para autodefinições, incluindo aspectos comunais e individuais da identidade; rompimentos ameaçam autodefinições" (BROWN; PERKINS, 1992, p. 280, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

Larsen e Johnson (2012, p. 640) complementam que "affinity for place lies in the attunement to and understanding of ontological situatedness, a mode of being that discloses the constant mutability of the world, the sense of self as exceeding its own boundaries, and the compassion intrinsic to grounded social and ecological relationships".[35] A intersubjetividade concernente é, portanto, um fator necessário ao fenômeno sujeito-lugar na medida em que é por meio desta que o *eu* se diferencia do *outro*.

As relações sociais e ambientais que embasam os processos vinculativos expressam a situação geográfica em sua diversidade de texturas e nuances. Na complexidade ampla abraçada pelos vínculos de lugar, convergem sentidos relevantes que se referem à inexorabilidade do corpo-sujeito em definir, criar e se projetar rumo ao espaço. Este, por sua vez, também influencia em seu mundo vivido. Como centros relevantes da experiência, reverberam a geograficidade da existência humana.

Limiares entre vínculos ativos e inativos

Na composição complexa posta pela interpolação vinculativa, os lugares se conformam pela nucleação significativa dos elementos intersubjetivos. Entremeados pela lógica dos mundos que são imbricados relacionalmente às condições de emergência dos lugares, os vínculos correspondem às maneiras como os sujeitos reagem e são influenciados pela realidade geográfica. Implica-se, destarte, que há uma dinâmica tempo-espacial densa a ser desvelada neste processo.

Lewicka (2014, p. 51), ao situar essa questão, sugere que o vínculo de lugar possui uma dimensão temporal inalienável: "It implies continuity of the relationship with the attachment object, connects its present to its past, with the hope that this relationship will continue in the future. This sense of continuity can be obtained through a variety of means".[36] Como esta autora ressalta, não é necessário um período longo, pois o cerne está na intensidade afetiva da dimensão de continuidade pertinente.

A composição (re)ativa que perpassa a maneira como o lugar impele a vinculação é ressaltada pela condicionalidade temporal inerente à relação espacial travada no nexo experiencial do sujeito. Entre as tramas referentes a essa situacionalidade, a geograficidade conduzida pelo campo do horizonte de mundo aberto pelo vínculo se conecta aos elementos

[35] "Afinidade por lugares está na sintonização a e no entendimento da situacionalidade ontológica, um modo de ser que revela a constante mutabilidade do mundo, o sentido do eu como excedendo suas próprias fronteiras, e a compaixão intrínseca às relações sociais e ecologicamente embasadas" (LARSEN, JOHNSON, 2012, p. 640, tradução livre).

[36] "Ele implica continuidade do relacionamento ao objeto de vínculo, conecta seu presente a seu passado, com a esperança de que seu relacionamento vai continuar no futuro. Este sentido de continuidade pode ser obtido por uma variedade de meios" (LEWICKA, 2014, p. 51, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

definidores do sentido de lugar. Dessa maneira, a conformidade temporal é espacialmente correlata às maneiras como os lugares são vividos pelos sujeitos.

Brown e Perkins (1992, p. 282) contribuem com essa discussão ao considerarem que "place attachments are not static either; they change in accordance with changes in the people, activities or processes, and places involved in the attachments".[37] Como o lugar é, inexoravelmente, um fenômeno relacionado ao cosmo intersubjetivo da existência, o devir introjetado pela entropia cotidiana altera seus fluxos. Os vínculos conformados em um determinado momento podem não ter o mesmo sentido em outro.

Tal concepção se respalda no que Rubinstein e Parmelee (1992, p. 143) destacam ao apontar que "place attachment is not a state but a process that continues throughout life".[38] Os vínculos estão situados temporalmente de modo a compor uma rede intersubjetiva pela qual os sentidos e definições de lugar se plasmam. Vínculos, na perspectiva desses autores, podem estar ou não "ativos", e são definidos pela sua posição em relação ao presente e por sua interação, cujo limiar é a situação do ser-no-mundo.

As metamorfoses postas pela dinâmica de vir-a-ser da realidade geográfica salientam a maneira como os vínculos devem ser entendidos na condição processual de sua emergência. Ao estarem implicados em sujeito-lugar, eles concernem temporalmente a maneira como, durante o curso de vida, alguns vínculos pretéritos são recalcados e outros podem vir, posteriormente, a serem reativados. Por fazerem sentido contextualmente, apenas aqueles que são significantes à relação presente podem ser considerados como vínculos ativos.

Na Figura 1, procura-se representar os vínculos. Os vínculos ativos estão imbricados entre si e conectados pela maneira como interagem. Ao estarem conectados às definições que fazem sentido no presente ou são referentes a projetos de vida para o futuro, os ativos são referentes à maneira como, ontologicamente, o ser-no-mundo se relaciona existencialmente ao cosmo circundante. Isto significa que os elementos referentes ao passado (como a lembrança de alguém importante) podem também ser ativos no presente por meio do recordar motivado ou não por algum objeto específico.

Simultaneamente, entremeios ao devir, os vínculos ativos podem criar ou perder significados rumo ao limiar do horizonte temporal do mundo. Tal situação está conectada ao recalque de experiências ou mesmo à banalização de determinado componente que era

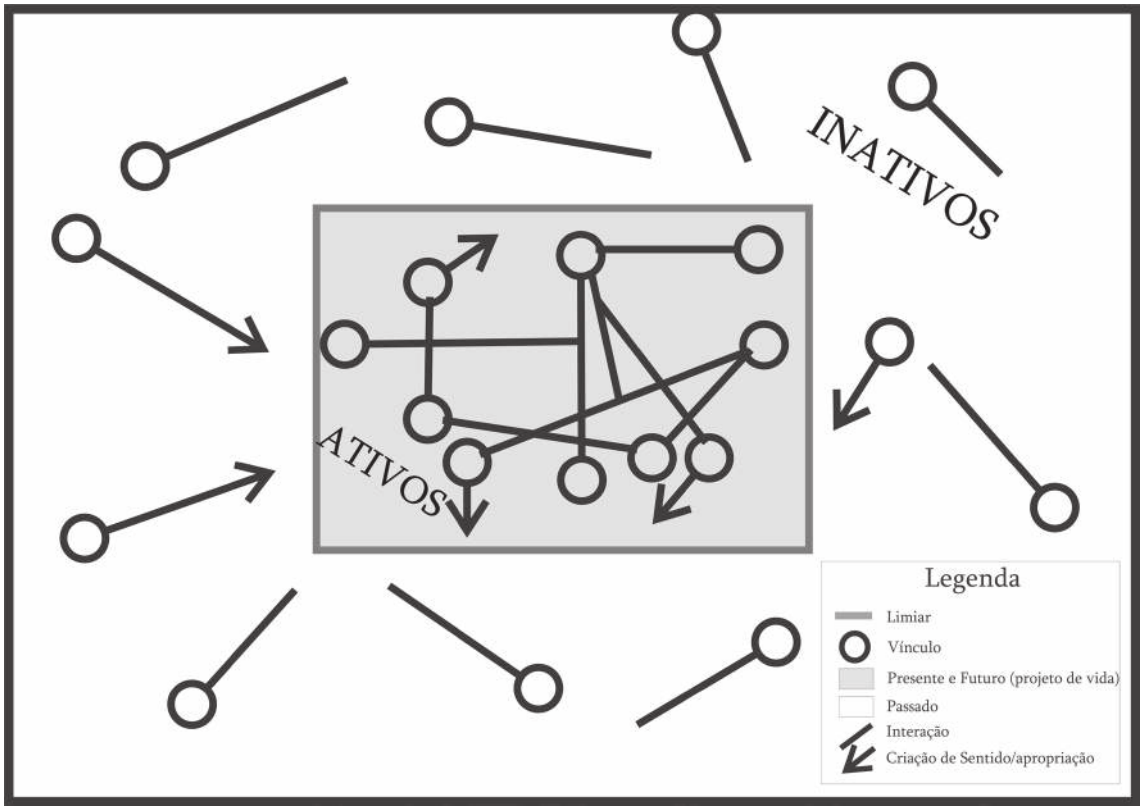
[37] "Vínculos de lugar não são estáticos; eles mudam de acordo com as mudanças das pessoas, atividades ou processos e lugares envolvidos com os vínculos" (BROWN, PERKINS, 1992, p. 282, tradução livre).

[38] "Vínculo de lugar não é um estado, mas um processo que continua ao longo da vida" (RUBINSTEIN, PARMELEE, 1992, p. 143, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

um vínculo significativo. Uma situação de violência doméstica, por exemplo, possivelmente, ocasionará na supressão de um vínculo positivo relacionado ao lar e na projeção de um vínculo negativo inativo rumo à situação de ativo.

Figura 1: Processo relacional de vínculos de lugar.



Organização: Os autores, 2018.

Se, como Seamon (2014, p. 18) pondera, "place is *active* in relation to human beings, since physical and spatial changes in the place reconfigure human actions and experiences",[39] é importante salientar que as alterações do ambiente para além do controle de um determinado sujeito também podem impelir a mudanças na dinâmica dos vínculos de lugar. Um prédio erguido ao lado de uma residência, por exemplo, pode desativar um vínculo relacionado à privacidade do lar e ativar outro que corresponda à necessidade de se confrontarem manifestações da *gentrificação* no bairro em que se habita.

Portanto, cabe insistir, a dinâmica dos vínculos está conectada às tênues condições em que se manifesta o fenômeno relacional de sujeito-lugar. Rubinstein e Parmelee (1992, p. 143) afirmam que "attachment depends not only on the characteristics of the place, but

[39] "Lugar é ativo em relação aos seres humanos, pois mudanças físicas e espaciais no lugar reconfiguram as ações e experiências humanas" (SEAMON, 2014, p. 18, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

also upon personality, needs, life course concerns, and one's own interpretation of one's life".[40] A conexão posta pelas situações geográficas temporalmente dimensionadas é o enlace que agrupa os vínculos.

Como posto na Figura 1, alguns vínculos ativos, além de interagirem entre si, podem estar criando sentido de elementos em direção ao limiar. Isto significa que estão a caminho de se tornarem inativos ou de apropriarem, de modo proximal, algum vínculo inativo, cujo nexo é pretérito e foi recalcado. Tal circunstância provoca o retorno de um vínculo latente ao campo ativo, no qual vai retornar para a dinâmica de sentido e definição do lugar.

O limiar é o elemento que plasma a forma como as condições em que os vínculos se dinamizam na interação perpétua sujeito-lugar. Pela inseparabilidade entre estes entes, o limiar é uma abstração que permite discernir entre os componentes pertinentes em um determinado momento. Ele deve ser compreendido como algo dinâmico, fronteiriço e efêmero, cujos limites são tênues dimensões alteradas a todo o momento.

Em meio ao processo ativo de composição dos vínculos, há um âmbito corporificado que deve ser salientado. Como Lang (1985, p. 201) pondera, fenomenologicamente, "a meditation upon human dwelling reveals our primal embodied existence, our being-in-the-world. The notion of dwelling is the most taken-for-granted aspect of human existence".[41] Se habitar e ser-no-mundo estão implícitos como formas corporificadas de espacialização humana, eles convergem como elementos subjacentes a qualquer fluxo no nexo dos vínculos de lugar.

É pela corporeidade que se experiencia e percebe o mundo. Simultaneamente, é ela que embasa a temporalidade inerente ao ser-no-mundo. O sujeito vivencia o tempo pela corporeidade primal do habitar. Seamon (1979, p. 135) destaca que "the body, therefore, has its own sense of time, habitually moving when a particular temporal threshold is reached and emotionally provoked by feeling-subject when that threshold is overextended".[42] Tal *motricidade* corporal possibilita o cosmo de dinamogenia do limiar referencial em que os vínculos são metamorfoseados continuamente.

Ressalta-se que, embora o passado forme o horizonte que situa os vínculos inativos,

[40] "Vínculo depende de mais do que as características do lugar, ele também se baseia na personalidade, necessidades, preocupações do curso de vida e a interpretação pessoal da vida" (RUBINSTEIN, PARMELEE, 1992, tradução livre).

[41] "Uma meditação acerca do habitar humano revela nossa existência primal corporificada, nosso ser-no-mundo. A noção de habitar é o aspecto mais tomado por garantido da existência humana" (LANG, 1985, p. 201, tradução livre).

[42] "O corpo, portanto, tem seu próprio sentido de tempo, habitualmente movendo quando um limiar temporal particular é alcançado e emocionalmente provocado pelo sujeito-sensível quando o limiar é sobrestendido" (SEAMON, 1979, p. 135, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

isto não significa que estes vínculos não estejam presentes na condição de elementos ativos. Pondera Fulliove (2014, p. 149) que "wherever the people who knew that place, they carry with them the concept of the 'place that was'".[43] Como Marandola Jr. (2010), Fulliove (2014) defende que os lugares que os sujeitos percorrem marcam corporalmente sua existência e permanecem como parte de quem as pessoas são.

Ainda que, por vezes, latentes, os vínculos inativos são retomados no referencial que é dimensionado pela retomada da lembrança daquilo que o lugar fora em um determinado instante. Quando os vínculos inativos do passado produzem ou se apropriam de sentidos próximos ao limiar e interagem com os vínculos ativos, de modo a se ativarem, eles se tornam partes do presente. Fenomenologicamente compreendidos, a condição ativa ou inativa dos vínculos perpassa uma noção de tempo centrada no sujeito.

(Inter)subjetivamente concebida, somente faz sentido uma memória quando ela é evocada e se conecta à situação presente do sujeito que, naquele instante, nela vive. Isto decorre de uma concepção que reúne as lógicas de tempo de Bachelard (2010) e Merleau-Ponty (2011, 2015), ao defenderem que, para o ser-no-mundo, o horizonte temporal é sempre o instante. A temporalidade está correlata à maneira como as coisas se apresentam ao mundo por meio de uma dinâmica de *presentificação* corporificada contínua.

Bachelard (2010, p. 15) discorre que "o tempo é uma realidade encerrada no instante e suspensa entre dois nadas". Os fluxos dos vínculos de lugar, nesse sentido, estão inseridos no processo de permanente transformação posto pela transfiguração dos instantes. A realidade temporal do horizonte de mundo se apresenta como a maneira com que o ser experiencia os fenômenos conforme emergem no instante.

Determinados arranjos de vínculos de lugar se conectam, nesse cosmo, rumo à efemeridade transcendental pela qual se sedimentam corporalmente. Merleau-Ponty (2011, p. 525) problematiza que "se o tempo é a dimensão segundo a qual os acontecimentos se expulsam uns aos outros, ele é também a dimensão segundo a qual cada um deles recebe um lugar inalienável". Tal concepção colabora para decifrar que *limiar* é aquilo que contextualiza a forma como os acontecimentos espaço-temporalmente (re)posicionam os vínculos de lugar, como indicado na Figura 1.

Como Tuan (2012, p. 100) salienta, "time is something we experience and construct.

[43] "Onde quer que haja pessoas que conheceram aquele lugar, elas carregam consigo o conceito do 'lugar que era'" (FULLIOVE, 2014, p. 149, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Time is experienced – is felt – when we wait, expect, or hope".[44] Corporalmente experienciado, o tempo é *onde* as coisas se estratificam de uma maneira flexível. Os vínculos de lugar se corporificam como experiências temporais em um horizonte de mundo que significa e organiza temporalmente o fenômeno sujeito-lugar.

Fenomenologicamente considerado, "the time we experience is not universal time, it is *our* time – local time. That is, it is linked to our place" (CARR, 2004, p. 10).[45] Requer pontuar que os limiares, como desdobramentos conceituais da temporalidade experienciada pelo corpo vivido, são múltiplos. Ainda que, como visto na Figura 1, o limiar seja uma área fronteiriça e dinâmica, numa determinada relação sujeito-lugar, podem existir múltiplos limiares implicados.

Nas frentes compostas do horizonte experiencial, o campo de *Gestalt* em movimento indica uma temporalidade lugarizada em que as divergentes formas de ser significam experiências temporais que diferem entre si. Se, conforme Bachelard (2010, p. 84) define, "como realidade, só existe uma: o instante", são os múltiplos instantes sobrepostos entre si que compõem as frentes limítrofes dos limiares definidores dos vínculos de lugar ativos e inativos.

Na medida em que Oliveira (2014, p. 5) destaca que "lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria", evidencia-se que esta condição faz parte do cosmo significante em que a dinâmica sujeito-lugar é articulada. Os vínculos fazem parte da maneira como o tempo se lugariza, de forma a compor como corpo-consciência interpolam a geograficidade de ser-no-mundo.

Por meio da reciprocidade inerente em sujeito-lugar, os vínculos são rearranjados tempo-espacialmente de modo a corresponderem ao significado relevante do instante. O lugar, compreendido neste imbricamento, realiza-se conforme os vínculos são significados pela consciência ativa rumo ao atravessamento do limiar. A rede de convergência vetorial dos seus sentidos conflui no *topos* relevante que organiza o horizonte intersubjetivo do mundo.

Marandola Jr. (2010, p. 342) explicita que "se o tempo é o instante, o espaço é sempre o lugar: o acontecer fenomênico sempre é um instante aqui, que abre portas intertextuais com outros lugares e tempos, mas é um acontecer agora, uma densidade que se constitui enquanto potencialidade e tensão". Na tenuidade do cosmo relacional em dinamogenia por meio da experiência das sobreposições de mundos vividos pelos sujeitos, os lugares se agrupam

[44] "Tempo é algo que experienciamos e construímos. Tempo é experienciado – é sentido – quando nós esperamos, criamos expectativas ou temos esperança" (TUAN, 2012, p. 100, tradução livre).

[45] "O tempo de que temos experiência não é o tempo universal, é o nosso tempo – tempo local. Isto é, ele é conectado ao nosso lugar" (CARR, 2004, p. 10, tradução livre).

ou divergem entre os vínculos temporalmente ancorados no instante. Corporificados no todo da realidade geográfica, os vínculos, sejam ativos ou inativos, indicam tramas das virtualidades experienciais dos lugares.

A exteriorização e a interiorização realizadas no âmbito intertemporal são ontologicamente essenciais aos processos dos vínculos de lugar. Merleau-Ponty (2011, p. 365) estabelece que "é preciso haver uma relação interna entre aquilo que se aniquila e aquilo que nasce; é preciso que um e outro sejam duas manifestações ou duas aparições, duas etapas de um mesmo algo que alternadamente se apresenta sob essas duas formas". Destarte, temporalmente, os lugares estão conectados à inerência pretérita daquilo que é (re)criado nas etapas alternantes de (des)ativação dos vínculos.

Reforça-se a afirmação de Rubinstein e Parmelee (1992, p. 142) de que "the very notion of place implies a conflation of space and time such that attachment to a particular place may also represent attachment to a particular time".[46] Há sempre uma relação interna e densa entre os vínculos que estão latentes (inativos) e os vínculos ativos, de modo que estes se situam em um nexo vetorial no qual há criação de sentido ou apropriação entre ambos, como indicado na Figura 1. Passado e presente devem ser compreendidos como parte dessa temporalidade móvel corporificada sobre a qual o lugar emerge.

Fundido no instante, o tempo do lugar se conecta pela presentificação dos aconteceres fenomênicos. O passado permanece na condição do resíduo da relação entre aquilo que é aniquilado e o que nasce pela força do instante. A intencionalidade projeta espacialmente as texturas de lugar, de modo que nasce um tecido conectivo da experiência dos vínculos. Essa geograficidade que permeia a relação costura as tramas do lugar e compõe suas dinâmicas.

Risbeth (2014, p. 100) destaca que "at the heart of any attachment is a story. It may be the story of a moment, a day, a year. Or, more commonly, the stories are ones that emerge gradually, take shape, backtrack, repeat in parts, tail away, reappear. People bring their own stories to places they love and places they hate".[47] Cristalizados nas histórias, os vínculos de lugar se sobrepõem, transmutam e convergem conforme as situações e contextos que emergem cotidianamente. As intencionalidades permeiam as dimensões pelas quais os vínculos atravessam o(s) limiar(es) e se re-ativam continuamente.

[46] "A própria noção de lugar implica na confluência de espaço e tempo de forma que os vínculos a um lugar em particular podem também representar vínculo a um tempo particular" (RUBINSTEIN, PARMELEE, 1992, p. 142, tradução livre).

[47] "No coração de qualquer vínculo, há uma história. Pode ser a história de um momento, dia ou ano. Ou, mais comumente, as histórias são aquelas que emergem gradualmente, tomam forma, retornam, repetem parcialmente, somem, reaparecem. Pessoas trazem suas próprias histórias para os lugares que amam ou odeiam" (RISBETH, 2014, p. 100, tradução livre).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

Pelo horizonte corpo-temporal subjacente aos vínculos, os mundos postos em movimento nos contextos dos vínculos de lugar elucidam cosmos das realidades geográficas. Entre as histórias das pessoas, salienta-se uma potencialidade intersubjetiva no núcleo sujeito-lugar (RISBETH, 2014; RUBINSTEN, PARMELEE, 1992). Marcus (1992, p. 107) sintetiza: "The place and the people who lived with and around us become intertwined in our memories".[48] Os outros habitantes permeiam as memórias e lembranças conforme ocorrem as presentificações dos vínculos de lugar. São, também, componentes centrais para a (in)ativação dos vínculos.

A reciprocidade ativa dos tempos dos lugares faz parte do efervescer coletivo em que os vínculos são ressignificados continuamente. Como ser-no-mundo, o sujeito é influenciado e influencia a realidade geográfica de modo a constituir nela os enclaves de seu habitar. Consequentemente, os vínculos de lugar ressaltam a condição dinâmica da geograficidade. O campo da *Gestalt* direcionado pela experiência geográfica convida o ser a ontologicamente animar a fisionomia do mundo.

Lugar, como núcleo ativo e existencial, é onde a Terra permite que o perder-se seja transformado em um encontrar-se (DARDEL, 2011). Este sentido ressaltado e explicitado conceitualmente pelo arcabouço dos vínculos de lugar oferta importantes oportunidades para realçar os movimentos corpo-espaciais da intencionalidade. Como cosmos dinâmicos, a projetividade de (re)ativação mutável dos vínculos ressalta que, mais que uma pausa, o lugar é sempre essa tênue transição recíproca de sujeito-lugar.

Implicações e considerações para perspectivas futuras

Na escala do sujeito-lugar, a experiência é manifesta pelo entrecruzamento das formas como a reciprocidade ativa de sua relação é dinamizada na realidade geográfica. Correlacionada por uma reversibilidade fenomênica inerente ao ser-no-mundo, a geograficidade relacional desta situação converge na densidade significante da espacialidade humana. Ao habitar a Terra, o campo perceptivo se expande de modo a apropriar e criar sentidos para os mundos que são ampliados pelo olhar.

Caminhos e texturas de lugar plasmam-se pelas tramas *gestálticas* das experiências intersubjetivas que são realizadas nesse percurso. Entre exteriorizações e interiorizações, perspectivas e horizontes são consubstanciados em vivências corporais. Os mundos dos lugares, destarte, se presentificam na ontologia experiencial da dinâmica ativa da

[48] "O lugar e as pessoas que nele viveram e em volta de nós se tornam entrelaçados em nossas memórias" (MARCUS, 1992, p. 107, tradução livre).

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

intencionalidade. Ao projetar-se rumo à Terra, o sensório ressalta a necessidade existencial da emergência dos lugares.

Pela motricidade derivada da conexão entre imaginário e mundo vivido, o corpo-situação cria sentidos que ordenam o espaço. A percepção ativa encaminha os rumos pelos quais são construídos nexos intersubjetivos de mundos que são sobrepostos, contrapostos ou convergentes à realidade geográfica dos diferentes grupos e sujeitos. Para organizar a *chora* em *topos*, os processos ativos de significação substanciam lógicas que lastreiam experiências.

Vínculos de lugar são arquitetados na intersubjetividade e na intercorporeidade inerentes à experiência geográfica em devir. Eles são projetivos das condições inerentes do habitar a Terra, da geograficidade que media a relação sujeito-lugar no cosmo dos diferentes horizontes de mundo. As rotinas corpo-espaciais transmutam-se no continuum temporal em que ativam ou tornam latentes determinados vínculos.

Os sentidos de lugar, portanto, são metamorfoseados conforme a significância temporal a que estão submetidos. Centrados na temporalidade do instante fenomenologicamente relevante, os limiares conduzem a dinamogenia dos vínculos em conformidade aos fluxos da experiência e aos cursos de vida. Os tempos dos lugares são intersubjetivamente compreendidos entremeios à consciência ativa que age nos mundos vividos.

A Terra não é um lugar morto e congelado,[49] porquanto sobre ela os sujeitos pensam, vivem e projetam intencionalmente sua existência. Ela respira entre sujeitos-lugares, na reversibilidade deste fenômeno relacionado ao habitar. Na inexorabilidade de ser-no-mundo, desta experiência indivisa de contínua re-criação de sentidos e vínculos de lugar, a dinâmica de geograficidade anima o pulsar da realidade geográfica.

Referências bibliográficas

1. ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. **Place in context:** rethinking humanist geographies. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (orgs.). *Textures of place: exploring humanist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. XIII-XXXIII.

2. ALMEIDA, M. G. **A propósito do trato do invisível, do intangível e do discurso na geografia cultural**. In: *Revista da ANPEGE,* v. 9, n. 11, p. 41-50, 2013.

[49] Essa expressão é uma tradução do título do terceiro álbum da banda Explosions in the Sky, The Earth is not a cold dead place (EXPLOSIONS IN THE SKY, 2003).

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

3. BACHELARD, G. **A intuição do instante**. Campinas: Verus Editora, 2010.

4. BARTOLONI, P. **The space of language and the place of literature**. In: RICHARDSON, B. (org.). *Spatiality and symbolic expression: on the links between place and culture*. New York: Paulgrave Macmillian, 2015, p. 129-153.

5. BROWN, B. B.; PERKINS, D. D. **Disruptions in place attachment**. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 279-304.

6. CARR, D. **Time zones:** phenomenological reflections on cultural time. In: CARR, D.; CHAN-FAI, C. (orgs.). *Contributions to phenomenology: space, time and culture*. Amsterdan: Springer science+business, 2004, p. 3-14.

7. CASEY, E. S. **The fate of place**: a philosophical history. Berkley: University of California Press, 1998.

8. _____. **Body, self and landscape:** a geophilosophical inquiry into the place-world. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (orgs.). *Textures of place: exploring humanist geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p. 403-425.

9. DARDEL, E. **O homem e a Terra.** São Paulo: Perspectiva, 2011.

10. DEPRAZ, N. **Empathy and compassion as experiential praxis:** confronting phenomenological analysis and buddhist teachings. In: CARR, D.; CHAN-FAI, C. (orgs.). *Contributions to phenomenology: space, time and culture*. Amsterdan: Springer science+business, 2004, p. 189-200.

11. EXPLOSIONS IN THE SKY. **The Earth is not a cold dead place**. Direção artística: John Congleton. New York: Temporary Residence Label, 2003. 1 Disco sonoro (45 minutos), estéreo.

12. FULLIOVE, M. T. **"The frayed knot":** what happens to place attachment in the context of serial forced displacement? In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 141-153.

13. HOLZER, W. **Mundo e lugar:** ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014.

14. HUFFORD, M. **Thresholds to an alternate realm:** mapping the chaseworld in New Jersey's Pine Barrens. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 231-252.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

15. HUMMON, D. M. **Community attachment:** local sentiment and the sense of place. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 253-278.

16. KARJALAINEN, P. T. **Place in *Urwind*:** a humanist geography view. In: *Geograficidade*, v. 2, n. 2, inverno 2012, p. 4-22.

17. LANG, R. **The dwelling door:** towards a phenomenology of transition. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (orgs.). *Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world*. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p. 201-214.

18. LARSEN, S. C.; JOHNSON, J. T. **Toward an open sense of place:** phenomenology, affinity and the question of being. In: *Annals of the Association of American Geographers*, v. 102, n. 3, p. 632-646, 2012.

19. LAU, K. **Intersubjectivity and phenomenology of the other:** Merleau-Ponty's contribution. In: CARR, D.; CHAN-FAI, C. (orgs.). *Contributions to phenomenology: space, time and culture*. Amsterdan: Springer science+business, 2004, p. 3-14.

20. LEWICKA, M. **In search of roots: memory as enabler of place attachment**. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 49-60.

21. LOW, S. M.; ALTMAN, I. **Place attachment:** a conceptual inquiry. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 1-12.

22. MARANDOLA JR., E. **Tempo e espaço cotidiano** – crônicas de um tecido inacabado. IN: MARANDOLA JR., E.; GRATÃO, L. H. B. *Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010, pp. 329-347.

23. _____. **Lugar enquanto circunstancialidade**. In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 227-247.

24. MARCUS, C. C. **Environmental memories.** In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 87-112.

25. MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

26. _____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

27. _____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Revista da Anpege ISSN 1679-768X

28. MIHAYLOV, N.; PERKINS, D. D. **Community place attachment and its role in social capital development.** In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 61-74.

29. MORRIS, D. **The sense of space**. Albany: State University of New York Press, 2004.

30. OLIVEIRA, L. **O sentido de lugar.** In: MARANDOLA JR., E; HOLZER, W.; LÍVIA, O. (orgs.). *Qual o espaço do lugar?* São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 3-16.

31. RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

32. _____. **Geographical experiences and being-in-the-world:** the phenomenological origins of geography. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (orgs.). *Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world*. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p. 15-32.

33. RICHARDSON, B. **The "spatio-cultural dimension":** overview and a proposed framework. In: RICHARDSON, B. (org.). *Spatiality and symbolic expression: on the links between place and culture*. New York: Paulgrave Macmillian, 2015, p. 1-20.

34. RISBETH, C. **Articulating transnational attachments through on-site narratives.** In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 100-111.

35. RUBINSTEIN, R. L.; PARMELEE, P. A. **Attachment to place and the representation of the life course by the elderly.** In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (orgs.). *Place Attachment*. New York: Plenum Press, 1992, p. 139-164.

36. SCANNEL, L.; GIFFORD, R. **Comparing the theories of interpersonal and place attachment.** In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 23-36.

37. SCHRADER, G. **Anger and inter-personal communication.** In: CARR, D.; CASEY, E. S. (orgs.). *Explorations in phenomenology: papers of the society for phenomenology and existential philosophy*. Leiden: Martinus Nijhoff, 1973, p. 331-350.

38. SEAMON, D. **A geography of the lifeworld**: movement, rest and encounter. London: Croom Helm, 1979.

39. _____. **Place attachment and phenomenology:** the synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (orgs.). *Place Attachment: advances in theory, methods and applications*. Abingdon: Routledge, 2014, pp. 11-22.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X

40. TUAN, Y. **Passing strange and wonderful**: aesthetics, nature and culture. New York: Island Press, 1995.

41. _____. **Paisagens do medo.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

42. _____. **Humanist geography:** an individual's search for meaning. Staunton: George F. Thompson Publishing, 2012.

43. _____. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Londrina: EdUel, 2013.

Revista da Anpege
ISSN 1679-768X